

TEOLOGIA DO EPISCOPADO

Pedro Carlos CIPOLINI

Excelentíssimos senhores: Arcebispo de Campinas, D. Gilberto Pereira Lopes; D. Sérgio da Rocha, homenageado deste dia; Magnífico Sr. Reitor da PUC-Campinas, Pe. José Benedito David; Sr. Diretor da Faculdade de Teologia, Pe. Paulo Sérgio Gonçalves; demais professores. Queridos alunos e todos os presentes a esta justa homenagem que desejamos prestar hoje a D. Sérgio da Rocha, bispo titular de Alba e auxiliar do Sr. Arcebispo de Fortaleza. D. Sérgio que até poucos dias era o Sérgio, o Pe. Sérgio, nosso irmão, amigo e companheiro nas lides acadêmicas na FTCR¹.

Alegrou-nos sobremaneira esta escolha para o episcopado, tida por todos como justa e merecida. Para nossa Faculdade de Teologia, é uma honra e uma distinção ter um professor escolhido para este elevado cargo e tão grande responsabilidade na Igreja. Todos estamos felizes! A satisfação de tantos, povo de Deus e presbíteros, é sinal da ação de Deus, neste evento eclesial, como ressonância da escolha divina (agora D. Sérgio, o difícil será manter esta satisfação geral).

Prezados senhores, foi-me solicitado que pronunciasse aqui algumas palavras à maneira de conferência em homenagem ao novo bispo. Nem preciso dizer da dificuldade que isto implica, devido à platéia seleta a que se destina, pela complexidade do tema e pelo pouco tempo que tive de preparar. Peço de antemão vossa compreensão por eventuais falhas. Não poderia, porém, deixar de atender este

⁽¹⁾ Conferência pronunciada pelo Prof. Dr. Côn. Pedro Carlos Cipolini em homenagem prestada pela FTCR da PUC-Campinas a *D. Sérgio da Rocha*, em 15/08/2001.

pedido, pela amizade fraterna e cordialidade, com que sempre foi pautado meu relacionamento com o então P_{re}. Sérgio, no exercício do magistério. (Cheguei mesmo a convidá-lo para ajudar no atendimento de confissões, na Basílica do Carmo, o que não foi possível de se concretizar).

O bispo exerce na Igreja um ministério de suma importância, ministério capital, a propósito, é o ministério de “cabeça”, daquele que está à frente da Igreja particular e representa toda a Igreja, da qual é constituído Pastor e Mestre. Cada bispo é o princípio visível da unidade na Igreja que lhe é confiada. O bispo possui o poder de *jurisdição*, que lhe é conferido pela indicação do Santo Padre o Papa. Eles sucedem aos apóstolos, são pastores da Igreja, mestres da doutrina, sacerdotes do culto e ministros do governo, diz o Código de Direito Canônico (Cân. 375). Também recebem os bispos o poder de *ordem*, conferido pela consagração episcopal. Pela sagração episcopal se confere a plenitude da Ordem, o poder de santificar, de ensinar e de governar diz o Concílio Vaticano II (LG 21). Poder de jurisdição: fazer discípulos e ensinar a cumprir o que foi mandado. Poder de ordem: santificação pelo sacramento do batismo e da Eucaristia (cf. Mt 28,18-20).

Não desejo considerar os aspectos jurídicos do episcopado, nem as obrigações práticas do bispo conforme o direito. Meu propósito é falar teologicamente, qual é a concepção de bispo que a Fé e a Tradição da Igreja nos legaram. O bispo tem, como foi dito, o poder de jurisdição “*potestas jurisdictionis*” que lhe coloca à frente do governo da Igreja, porém somente o poder de jurisdição não é suficiente para conhecer a natureza e o verdadeiro ofício do bispo na sua semelhança com Cristo Cabeça. O bispo recebe também o poder da Ordem “*potestas ordinis*” o qual, parte da sacramentalidade, e lhe dá a capacidade de ser o presidente da Eucaristia na sua Igreja. E é desta fonte eucarística que dá vida à Igreja, presidida pelo Bispo, que melhor se pode captar o seu ofício na Igreja. Da Eucaristia presidida pelo bispo, como seu legítimo oficiante “*in persona Christi*”, brota-nos a compreensão do que seja seu ministério de amar e servir para que todos sejam um, até a doação da própria vida. Desta forma, repito o que um grande padre do clero de Campinas, já falecido, sempre dizia: “*O padre, assim como o bispo, não é alguém que foi tirado do meio do povo para servir o povo, mas foi atirado no meio do povo para servir o povo*”. Ser alimento do povo

de Deus, como Jesus na Eucaristia: eis tudo! (Neste sentido, é um acontecimento paradigmático e profético, porém encarado como mero conflito histórico, o fato de o primeiro bispo do Brasil ter sido devorado pelos índios). Ser alimento das ovelhas, o que mais poderia desejar um pastor que jura dar a vida, no seguimento Daquele que “tendo amado amou até o fim” (Jo 13,1), na expressão dramática do evangelista João para dizer que Jesus morreu por amor?

O bispo é sucessor dos apóstolos diz o Vaticano II (LG 20). O ministério episcopal está ligado aos apóstolos, afirma a Igreja. O episcopado liga-se intimamente à sucessão apostólica e é uma estrutura gradualmente desenvolvida na Igreja. Os *episcopos* ou *presbíteros-bispos*, sucederam os apóstolos, no exercício do atendimento pastoral das Igrejas que os apóstolos tinham fundado. No início havia o colégio dos presbíteros: “A idéia de uma certa igualdade inicial entre bispos e presbíteros estende-se pelo menos até Santo Isidoro de Sevilha”². Sempre foi clara a distinção entre bispo e diácono, ficando menos clara a distinção entre bispo e presbítero (cf. At. 20,17 e Tt 1,5). Nas comunidades onde predominavam cristãos vindos do judaísmo, prevalece a palavra presbítero (ancião) nas comunidades com maioria vinda do helenismo prevalece a palavra episcopo (vigilante). Esta última vai prevalecer a partir do século primeiro, quando surge o episcopado monárquico.

Devido às perseguições e à proliferação das heresias, a Igreja necessitou que um membro do colégio dos presbíteros tomasse a frente da Igreja, como seu legítimo representante, na linha da sucessão da autoridade apostólica. Cada Igreja passa a ser governada por um único bispo, sendo que no início do século segundo, já é certa a existência da diferenciação entre os graus do ministério ordenado, como o demonstra este trecho da carta de Santo Inácio de Antioquia: “É necessário portanto, como já o fazeis, nada realizar sem o bispo, mas também submeter-vos ao presbitério, como aos apóstolos de Jesus Cristo, da mesma forma, todos respeitem os diáconos como a Jesus Cristo, e também ao bispo, que é a imagem do Pai e aos presbíteros

⁽²⁾ Cf. ESTRADA, J. A., *Para entender como surgiu la Iglesia*, Estella, Verbo Divino, 1999, p.188.

como o conselho de Deus. Sem eles, não se pode falar de Igreja”(Ad Tralianos 3,1). Já na carta a Timóteo, o bispo aparece como “o pai de família que deve organizar e velar pela comunidade”(1Tm 1,4;3,5ss).

O concílio de Nicéia vai prescrever a tradição de um bispo por Igreja, um bispo por cidade, devendo ser o mesmo, sagrado por três outros bispos (cf. cân. 4). Há uma só fé, um só batismo, um só Senhor, para representar este Senhor único, era conveniente um só episcopo³. Na antiguidade o bispo era eleito com a participação da comunidade como atesta a mais antiga e legítima Tradição⁴. O que conta não é o desejo do candidato, mas sua fé comprovada, a tarefa a ser realizada e a escolha da Igreja. Havia a *eleição* na qual se escolhia o candidato, a *consagração* na qual os bispos vizinhos davam sua aprovação à escolha e impunham as mãos, e a *recepção*, na qual a Igreja acolhia o novo bispo como um verdadeiro dom do Espírito Santo.

O bispo será o pastor, o emissário de Cristo, o guarda e vigilante do rebanho que lhe for confiado. Toda a missão do bispo está resumida na tríplice função de ensinar, santificar e governar: “Os bispos, portanto, pelo Espírito Santo, que lhes foi dado, foram constituídos verdadeiros e autênticos Mestres da Fé, Pontífices e Pastores”(Vaticano II - CD 2). Quero me deter nestas três funções:

- Ser Mestre da Fé, implica na tarefa de ensinar, de evangelizar, ser Profeta na linha do anúncio apostólico e isto está simbolizado pelo *Evangelho* que é colocado sobre os ombros do bispo no dia de sua sagração.
- Ser Pontífice é ser santificador, é o múnus sacerdotal de criar comunidade, pela força da graça que lhe foi confiada. Isto está simbolizado pela *mitra* que deve sinalizar a santidade que o bispo deve ter.
- Ser Pastor indica a tarefa excelsa de governar como quem serve. Somente no cristianismo se percebe pela fé e o exemplo de Jesus Cristo, que o poder é serviço a ser exercido na comunhão e na colegialidade,

⁽³⁾ Cf. BENOIT, P., *Lês Origines de l'episcopat dans lê Noveau Testament*, em *Exégèse et Théologie*, v. II, pp. 232ss.

⁽⁴⁾ Cf. S. Leão Magno, Ep. 14,5 in PL 54,673 – S. Celestino Ep. 4,5 in PL 434.

na co-responsabilidade e no desprendimento. Isto é simbolizado pelo *báculo*. *

Como do bispo se exige, sobretudo, fidelidade, falarei da fidelidade simbolizada pelo *anel* que indica a união de Cristo (representado pelo bispo) com sua Igreja. Desta forma, estes símbolos do episcopado, simplificados hoje pela reforma litúrgica do Concílio Vaticano II, nos falam dele e do que ele significa. Não devem ser vistos como sinais de poder, o que acontece, infelizmente, quando se entende o episcopado somente numa linha de poder de jurisdição, ou numa concepção de poder, despido da especificidade do poder cristão que é serviço. São símbolos que se prestam a uma mistagogia do ministério episcopal.

1. EVANGELHO: MESTRE NA FÉ

No início da Igreja a autoridade suprema pertencia aos ministros itinerantes, aos apóstolos, os colaboradores dos apóstolos e aos profetas⁵. A missão profética de anúncio e denúncia é eminentemente apostólica, como o demonstra o primeiro discurso de Pedro (At 2,22-32). Aos poucos o espaço reservado à missão vai cedendo lugar à administração e, a autoridade suprema da comunidade se caracterizará mais pela administração que pela missão evangelizadora. O bispo no entanto, é em primeiro lugar mestre da fé, é o catequista maior de seu rebanho. “Como Pastores tendes a viva consciência de que vosso dever principal é de ser Mestres da Verdade. Não de uma verdade humana, mas de uma verdade que vem de Deus”(João Paulo II, *Discurso inaugural aos bispos em Puebla*, 28.01.1979). Sem a pregação não pode haver fé, pois a fé entra pelos ouvidos diz Paulo (Rm 10,17). Por isso o bispo deve ser capaz de ensinar (1Tm 3,2). O verdadeiro culto no Novo Testamento é o serviço ao Evangelho do Reino, é o anúncio de Jesus Cristo, do Deus de Jesus Cristo e seu Reino Escatológico.

⁽⁵⁾ Cf. COMBLIN, J., Origem e figura do bispo na tradição eclesial, em *Bispos para a esperança do mundo: uma leitura crítica sobre caminhos de Igreja*, São Paulo, Paulinas, 2000, p. 42.

“O Evangelho que nos foi entregue é também palavra de verdade: verdade a respeito de Deus, a respeito do homem e de seu misterioso destino e verdade sobre o mundo” (cf. Paulo VI, in EN 78). A evangelização não pode deixar de comportar o anúncio profético do além, porém entre a evangelização e a promoção humana, desenvolvimentos, libertação, existem de fato laços profundos (cf. EN 28 e 31). O bispo no seu ministério profético de anunciador da verdade, se torna defensor da dignidade e dos direitos humanos (EN 30). De fato, desde o século III o bispo recebe o título de *pater pauperum*⁶. Este Evangelho que deve ser anunciado está sintetizado na cruz, nela temos a salvação e a vida, porque sem a cruz não há ressurreição. Não é outro o significado da cruz peitoral que o bispo traz, senão este, o selo do profeta que anuncia a morte do crucificado e sua ressurreição. O bispo traz a cruz expressando assim a morte e ressurreição de Cristo, síntese de todo anúncio do Evangelho. A sucessão apostólica não consiste em manter um evangelho inerte, um depósito bem guardado, mas um evangelho ativo, que continue provocando os povos.

2. MITRA: EXEMPLO DE SANTIDADE

É necessário que o bispo seja irrepreensível diz a carta a Timóteo (1Tm 3,1-2). Nas atividades do seu ministério os bispos terão de fazer prevalecer sempre as coisas concernentes a Deus. Eles presidem a Eucaristia e são administradores da graça do sacerdócio supremo (LG 26). São Gregório Magno, em sua famosa *Regula Pastoralis* (II,5) escreve: “*Um pastor deve estar perto de todos com a linguagem da compaixão e da compreensão. Deve de maneira especial elevar-se sobre todos os demais pela oração e contemplação*”. O Vaticano II vai definir a santidade como união com Cristo, desta forma podemos dizer que o bispo, encarregado de santificar o seu rebanho, tem dever imperativo de tender à santidade na forma de união com Cristo. É belíssimo o que escreve S. Gregório Nazianzeno a este respeito: “*Eu não temo a guerra nem a perseguição, nem o fogo, o precipício, a tortura*

⁶ Cf. SCHILLEBEECKX, E. *Por uma Igreja mais humana*, S. Paulo, 1989, pp. 204-207.

ou o ser mais selvagem. Mesmo que aos suplícios presentes se junte os mais duros. Um só remédio eu possuo contra todos os males, uma só estrada tenho para chegar à vitória: morrer unido a Jesus Cristo e morrer por Ele" (cf. in *A fuga*, n. 87).

Em recente discurso a um grupo de bispos recém-nomeados que participavam de uma jornada de estudos, o Papa João Paulo II disse: *"A santidade pessoal é a condição para a fecundidade do nosso ministério de Bispos da Igreja. É a nossa união com Jesus Cristo que determina a credibilidade do nosso testemunho do Evangelho e a eficácia sobrenatural de nossas iniciativas (...). A verdadeira medida de nosso êxito consistirá numa maior santidade"* (L'Osservatore Romano, edição portuguesa, 14.07.01, p. 4). A mitra no ritual antigo sinalizava o capacete com o qual o bispo devia ir ao combate para lutar contra os infiéis. Hoje ela simboliza a santidade, diz o ritual: "Brilhe em ti o esplendor da santidade". O bispo não é chamado hoje a combater os hereges, mas a ofuscá-los com o esplendor de sua santidade. Há um ditado que diz ser a mitra o túmulo das amizades. Não o é, se for símbolo de uma santidade que acolhe, convence e comove.

3. BÁCULO: O BOM PASTOR

O pastor busca a ovelha perdida, reconforta a fraca e guarda a forte, diz o profeta (Ez 34,4). O bispo é colocado como bom pastor de seu rebanho a exemplo de Cristo. É neste serviço diuturno de zelar e cuidar com conselhos, exortações, exemplos, o encargo de legislar, julgar e organizar, que o bispo vai gastar sua vida: "A ele é confiado plenamente o múnus pastoral ou seja, o cuidado habitual e cotidiano dos fiéis" (LG 27). O pastoreio se caracteriza pela construção da comunidade e pela coordenação da ação pastoral. O bispo é enviado a presidir a construção de uma Igreja em uma cultura determinada. A ação pastoral coordenada pelo bispo deve ser capaz de imprimir um rosto à sua Igreja. Ele é a referência obrigatória da unidade eclesial com sua presença animadora e paraclética.

Neste pastoreio o bispo deve garantir aos leigos um lugar ativo na missão. Pastorear o Povo de Deus, na sua grande maioria

leigos, dando-lhes vez e voz, esta é uma das urgências da missão do bispo. Porém, o bispo há de pastorear também o presbitério. O discurso de despedida de Paulo aos presbíteros de Éfeso em Mileto, é uma das páginas mais comoventes dos Atos dos Apóstolos (cf. At 20,17-38). Paulo faz memória de suas lágrimas e dedicação aos presbíteros, lembra que transmitiu tudo a eles, exorta à vigilância contínua. No final todos choram, o beijam e abraçam. “*Não basta ser a cabeça do presbitério, é preciso que o bispo seja também seu coração, caso o bispo deseje cumprir bem a tarefa de acompanhar seus sacerdotes*”⁷.

É no pastoreio que o bispo pode mostrar toda a sua autoridade, no sentido próprio do termo “*auctoritas*” = *o poder de fazer crescer*, fazer crescer os fiéis, a comunidade e a participação de todos. O báculo vem a ser símbolo deste pastoreio. Ele simboliza ainda o próprio Jesus que apóia o pastor, e ajuda-o a cuidar do rebanho. Escreve certo bispo emérito, em suas memórias, que quando tomou posse, em sua diocese do sertão mineiro, ao entrar na catedral com o báculo na mão, um menino gritou “o bispo é forte, pena que é aleijado e precisa de bengala, e das grandes”. É o contrário. Justamente para não ser aleijado, que o bispo se apóia no pastor supremo e assim pode dizer com salmista: “Embora eu caminhe num vale tenebroso, não temerei, teu bastão, teu cajado me dão segurança” (Sl 23, 4).

4. O ANEL DA FIDELIDADE

O anel é um laço e exprime ligação. Sua forma não tem começo nem fim, indicando duração para sempre, por isso representa a fidelidade. Do bispo se exige, sobretudo fidelidade a toda prova. O anel do bispo representa a fidelidade de sua Igreja a Jesus Cristo, o Esposo da Igreja. Esta fidelidade leva o bispo a caminhar na Tradição da Igreja, mas também, a perscrutar os sinais dos tempos. Fidelidade a Cristo, fidelidade à Igreja, fidelidade ao Santo Padre que preside a Igreja na caridade. O bispo não age em seu próprio nome, mas em nome de Cristo “*in Eius persona agant*” (LG 21), ele é enviado como

⁷⁾ CHEMELLO, J., Tarefa do bispo no acompanhamento dos presbíteros, em AA.VV., *O ministério Episcopal*, São Paulo, Loyola, 1989, p. 31.

representante, como embaixador de Cristo, por isso, há o dever de uma fidelidade primorosa a quem o envia: “A *missão do bispo, sucessor dos apóstolos é o serviço exercido em nome de Jesus. Recebemos o ofício de embaixadores e viemos da parte de Deus. Esta é a dignidade do ofício de Bispo*” (S. João Crisóstomo, in *Com. Ad. Col.* 3,5).

Geralmente é aqui, no item fidelidade, onde se encaixa o lema escolhido pelo bispo para nortear sua vida de fidelidade a Cristo. O senhor, D. Sérgio, escolheu *Omnia in Caritate*. Não se refere diretamente à fé ou à esperança, mas à prática da fé e da esperança, que é a Caridade. Mostra isto também, vossa origem como professor de Teologia na área da Moral. Já que a caridade não é outra coisa que a prática, ou a vida na fé mais autêntica e pura. Fazer tudo na caridade é fazer tudo na perfeição, como o descreve Paulo na Primeira Carta aos Coríntios cap. 13, 1-8. O testemunho do amor é o único discurso que convence hoje.

O amor é *kenótico*, é excêntrico e não concêntrico. Por isso, o horizonte da caridade é a entrega da vida, o martírio, a cruz. Quem quer viver na caridade deve ser amigo da cruz. É no calvário que se encontra o trono da caridade personificada. Talvez Deus não vá pedir que derrame o sangue do corpo, mas certamente pedirá que derrame o sangue da alma, através de tantos e tantos pequenos contratempos que S. Gregório Magno descreve como uma “tempestade de ânimo a sacudir a navezinha do coração do bispo” (cf. *Regula Pastoralis* 1,8-9). Mas, como dizia o Cardeal Basil Humme: “*pax inter spinas*”, ter caridade é ter paz, porém, cercado pelos espinhos. *OMNIA IN CARITATE*, significa a vida antes dos dogmas, os gestos antes das palavras, a espiritualidade antes que a moral, o ser humano antes de tudo por amor a Deus. Que Deus assim vos ajude, que vos ajude principalmente a não pensar que, vivendo a caridade até o extremo, ides perder a autoridade. A autoridade autêntica, dizia Emanuel Mounier é a autoridade moral e esta se tem pelo testemunho de uma vida entregue a uma causa nobre.

QUERO CONCLUIR

“O que ocorre na Igreja Católica hoje, é a passagem de um tipo de autoridade pedagógica a uma nova forma de autoridade

representativa"⁸. O Concílio Vaticano II vai destacar o episcopado traçando-lhe uma perspectiva valiosa (dos 2.217 discursos pronunciados no Concílio, 311 são sobre o episcopado, ficando nítida sua realidade de sacramento). O Concílio vai delinear a autoridade do bispo como PAI e IRMÃO. Homem de fé e princípio de unidade, homem de solidariedade e fraternidade evangelizadora. O Concílio convenceu os bispos de que o programa de sua missão se pode resumir em uma palavra: *SERVIÇO*: "Esta função que o Senhor confiou aos pastores de seu povo é um verdadeiro serviço que nas Escrituras recebe significativamente o nome de diaconia ou ministério" (LG 24,1). O Vaticano II é apontado pelo Papa João Paulo II como bússola segura para orientar no caminho do século que começa (cf. *Novo Millennio Ineunte*, n. 57). Que o Bispo seja fiel ao Vaticano II, principalmente ao conceito de episcopado apontado pelo concílio.

No início deste novo milênio no qual se prevê uma Igreja de minorias abraâmicas (cf. *Novo Millennio Ineunte*, n. 36) que características se pode esperar do exercício do ministério episcopal? O bispo do futuro se deverá construir sobre a sacramentalidade de sua função (ele jamais poderá regredir à tarefa de mero administrador) e a colegialidade. Que o bispo seja bispo e não mero vigário do Papa, assim recomenda o Concílio (LG 27). Que seja apóstolo, homem de fronteira e não de barreira, dedicando-se ao ecumenismo. Muito mais que guardião do depósito da fé, que seja testemunha da boa notícia da ressurreição. Que seja sobretudo criador de comunidades, pois, antes de ser responsável pela ortodoxia é responsável pela comunhão, porque, sem amor, a verdade perde eficácia. Que seja integrado no colégio episcopal: "Existe um só episcopado e dele participa cada bispo por inteiro" (S. Cipriano in *De unitate ecclesiae*, 5)

Em um estudo sobre o ministério do sacerdote e do bispo, Raymond Brown⁹ fala, a partir do apóstolo Paulo, do *ministério do sofrimento*, como característica do episcopado: "Enquanto vivemos, seremos entregues continuamente à morte por causa de Jesus, para que também a sua vida se manifeste em nosso corpo mortal" (2Cor

⁽⁸⁾ Cf. BAUM, G., *La credibilità della Chiesa oggi*, Brescia, Queriniana, 1969, p. 178.

⁽⁹⁾ Cf. BROWN, R., *Sacerdote e Bispo*, São Paulo, Loyola, 1987, p. 36.

4,11). É por meio do apostolado do sofrimento que o Evangelho é promovido (Fl 1,12). Porém, este sofrimento deve ser acolhido com generosidade e vivido na paciência, para não virar contra-testemunho. Deus é o Deus da alegria, e a alegria brota da certeza de pertencer a Deus. Brota da certeza de que embora Deus delegue a guarda de seu rebanho, nunca o abandonou, mas está sempre presente.

O próximo sínodo dos bispos a se realizar ainda este ano, tem como tema o episcopado: "*Bispos para a esperança do mundo*". "Por meio da fé o homem entra no caminho da vida verdadeira, mas somente a esperança o conserva neste caminho"¹⁰. Em um mundo que vive o ocaso das grandes ideologias, fato que provoca um vazio significativo, a história oferece à Igreja uma ocasião considerável de ser sinal de esperança. Assistimos hoje à maior concentração de poder na história da humanidade, enquanto mais da metade dos seres humanos vive na pobreza e na falta de perspectivas para o futuro. Só a esperança confere sentido à dor. Qual o serviço evangélico do bispo para a esperança do mundo? *É a defesa da vida*. Aqui tem que ser radical. No projeto de Deus o fim da história é a vitória da vida. É impressionante considerar no Apocalipse (21, 8), que os covardes na defesa da vida, vêm enumerados antes dos infiéis, corruptos, assassinos e ídólatras.

Enfim, o que se espera de um bispo é, sobretudo, que seja um homem de misericórdia, "que use a medicina da misericórdia mais que a da severidade", no dizer de João XXIII (cf. in Discurso de abertura do Vaticano II, 11.12.1962). A misericórdia é o amor radical. É o amor que se dirige ao que está no chão, fora, longe ou contra. "A misericórdia e não a justiça! O homem é miserável demais para arcar com a justiça. É impotente. O pecado o seduz e os mandamentos de Deus lhe pesam. A justiça pode ser boa para os anjos, mas não para os homens, que são desamparados e necessitam de misericórdia"¹¹.

O grande bispo que foi Santo Ambrósio, capaz de impressionar um homem como Santo Agostinho, percebeu tão bem este espírito de misericórdia que deve impregnar o coração do bispo. É dele esta oração: "*Tu que me chamaste quando eu estava perdido não*

⁽¹⁰⁾ MOLTSMANN, J. *Teologia da Esperança*, Herder, São Paulo, 1971, pp. 7-8.

⁽¹¹⁾ KAZANTZAKIS, N., *Os irmãos inimigos*, S. Paulo, Ed. Círculo do Livro, 1987, p. 51.

permita que agora sendo bispo eu me perca. Faça com que eu sinta sincera e íntima compaixão pelos que erram, que eu não seja soberbo ao repreender os pecadores, mas que eu chore com eles” (De Poenitentiae, II – 8,73).

Prezado D. Sérgio: que o senhor seja um bispo santo, um santo feliz!

Tenho dito. Muito Obrigado!

*O Cônego Pedro Carlos Cipolini é Doutor em Teologia Sistemática pela Universidade Gregoriana de Roma, Professor de Ecclesiologia e Mariologia, desde 1986, na FTCD da PUC-Campinas e Reitor da Basílica N. Sra. do Carmo no centro de Campinas.
e-mail: cipolini@uol.com.br*